

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira

EDITOR
Jonquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
— Officina de impressão — R. da Alameda, 114
(Jornalístico da lei que regula a liberdade de imprensa)

Redacção e administração — Calçada do Combro, 34-A, 2.º
End. telegr.: Talhada — Lisboa — Telefones: 1

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — FOLHA DE NOTÍCIAS E ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

CONDIÇÕES DE TRABALHO

PELAS RUAS DE LISBOA

No meu último artigo referi-me, num apelo aos carteiros, à conveniência de se reformar o seu serviço, de onde resultaria um benefício para a saúde deles. E, a propósito, direi que a reformar o que, noutro artigo anterior, dizia do espírito de rotina que a tantos trabalhadores faz desprezar os seus interesses, está o facto dos carteiros de Madrid considerarem de mínima importância a regalia concedida pelo governo, de não ser preciso mais subirem as escadas dos prédios. Espírito de rotina, ignorância do valor das condições fisiológicas de trabalho, é o que isso significa e que dá pena ver. Quer isto dizer que continua sendo grande, enorme, a necessidade da propaganda.

O trabalho dos carteiros faz parte do conjunto de trabalhos da rua. E sendo um trabalho árduo, é todavia dos menos árduos que em Lisboa, se vêem executar. As ruas de Lisboa apresentam aos olhos do observador, um dos espectáculos mais tristes que se podem apresentar. Poucas cidades haverá na Europa onde os trabalhos da rua se façam em tão deploráveis condições.

Distribuir correspondência ou pão, vender jornais, peixe ou hortaliça, tudo isso se faz de modo tal, que essas actividades constituem, pela fadiga, pelo depauperamento das forças, um factor importantíssimo para formar tuberculosos, cardíacos, deformados, a perpetuar a pobreza fisiológica característica da «raça dos pobres».

A agravar a indiferença geral, pelo hábito em que se está de ver tudo aquilo, a agravar o espírito de rotina dos próprios interessados, está ainda a opinião de gente, que se dá ares de civilização, que tem passado a fronteira e vem depois fazer de turista, que entende deverem estas coisas conservar-se assim, porque são muito curiosas, muito típicas, muito pitorescas! E é preciso que o estrangeiro, a par dos casinos e da jogatina dos hotéis luxuosos e dos comboios rápidos, encontre alguma coisa diferente do que ele está acostumado a ver, e assim encontrar aliado ao cómodo de toda a parte, o pitoresco regional que o deleite, está na variedade.

Parece mentira, mas há quem assim pense e quem o diga. Simplesmente nenhum destes jamares do pitoresco de Lisboa, vende jornais ou manda o filho vendê-los; nem vende hortaliça e todo se indigna se o carteiro tarda em lhe levar a correspondência, à hora em que ele está ainda na cama.

Que interessante a algazarra, a viveza dos garotos dos jornais, tanto dos que se levantam antes do nascer do sol, como dos que à meia noite e uma hora vendem o jornal aos senhores que saem dos teatros ou dos clubs! E o homem da hortaliça, de pau ao ombro e dois cestos de legumes nas extremidades ou a mulher, mais interessante ainda, com a enorme giga à cabeça, por essas ruas ingremes, compridas, a apregoar, pondo a giga no chão para o negócio, pondo-a de novo à cabeça, ajudada por alguém, porque pesa... E' verdade: quanto julgara o elegante turista que pesa um daqueles cestos cheios de hortaliça?

Se tudo isso acaba, se tudo isso se modifica e que vamos mostrar ao estrangeiro cheio de spleen, que ele não tenha visto? E' preciso, portanto, conservar essas coisas e fazer mais cascos.

Tudo conspira para que as coisas continuem como as vemos; e enchemo-nos de tristeza, chegamos a desesperar de alguma coisa

NA LINHA DE FOGO

Um ano de trabalho sovietista

A obra do Soviet Superior de Economia Social

Do mesmo modo que há vinda quem veja só na grande Revolução francesa as 17 000 cabeças que o terror fez ralar no cadafalso, e os incofináveis desvarios que no dia dos massacres de Setembro até 9 terribles, assim há quem julgue o regime sovietista só pelos seus excessos — muito àquém dos de 93, com todas as fábulas e exageros — sem querer ver a formidável obra de remodelação social feita pelos soviets e mantida, fomentada e levada até aos extremos pelo partido dos bolchevistas, contra a reacção coligada de todos os Estados do mundo.

Os bolchevistas não são talvez a revolução russa, mas o que eles foram, o que eles são e o que representam nela, é o melhor do que eu e com mais autoridade, um crítico severo do bolchevismo, Etienne Antonetti, nada partidário de Lenine:

«Os bolchevistas não são mais que os instrumentos acidentais de uma evolução fatal exigida pelas condições históricas da organização das forças sociais da Rússia. Talvez que a história tenha de vir a reconhecer que os bolchevistas pelo seu esforço de contenção da massa na via do ideal socialista eram capazes de evitar o abortamento da de ocracia na Rússia e a queda do movimento revolucionário numa jacquerie geralizada... Se não aparece um Leni não teria surgido um Guilherme Caillet, um o Yulka Pongatchev, ou qualquer outro que encerraria a aventura dando a veia a um novo czar...»

Esta verdade é hoje felizmente conhecida já em toda a Rússia. A prova está na «entre as diversas facções socialistas, que está a operar-se na terra eslava, o pretexto da intervenção aliada, não o passo, no fundo, dum ralliamento à política dos bolchevistas e um bill sancionando a obra deles.

«Que obra é essa, porém? O que se tem feito na Rússia? Havemos de mostrar a pouco e pouco. O documento, que inserimos hoje dum francês que habita Moscou, e dado a público há pouco, já revela um dos aspectos dessa obra. «Não avanço que seja perfeito, diz Pau lo Fort em comentário, afirmo apenas que é sério, é digno e merece dum socialista mais alguma coisa que um ultrageo».

«Eis o artigo de I. Armand: «O Soviet Superior de Economia Social, fundado logo depois da revolução de Outubro, festejou há pouco o seu primeiro aniversário.

A vitória do Proletariado na luta contra a Burguesia levou-nos não à liberdade política, mas também e sobretudo à emancipação económica dos trabalhadores. Para obter a não é, pois, somente uma transformação política, que é necessário realizar, mas reconstruir também, de alto a baixo, a estrutura e a economia da Sociedade.

Em vez de uma produção e de uma repartição desordenadas, individualistas, submetidas ao sabor dos interesses particulares de capitalistas e financeiros, é preciso criar uma produção e uma repartição unificadas, centralizadas no interesse da colectividade, estritamente reguladas e organizadas por ela, segundo as necessidades da colectividade inteira, e em que os instrumentos de produção deixem de ser meios de exploração e de opressão dos trabalhadores para se tornarem, ao contrário, nos meios de assegurar o seu bem-estar.

Esta organização da sociedade sobre novas bases não pode, evidentemente, dispensar a luta, porque necessita da expropriação, completa da Burguesia e de todos os bens monopolizados por ela.

Para cumprir a necessidade se torna, pois, que ao lado da sua Ditadura política, o Proletariado afirme igualmente a sua Ditadura económica.

O Soviet Superior de Economia Social é o aparelho criado pelo Proletariado para a organização da produção, é o instrumento da sua Ditadura económica.

Que fez o Soviet Superior durante um ano, no domínio da organização da produção?

Para poder exactamente regular a produção e encaregar-se dela, por três coisas se devia começar:

1.º Fazer uma estatística de tudo o que se tem. Fábricas, oficinas, mercadorias, materiais, combustíveis, tudo devia ser inventariado e foi isso o que fez o Soviet de Economia, de sorte que sabemos já com exactidão o que é que temos.

2.º Para poder com segurança adaptar a produção a tudo aquilo de que carece-

ria a Sociedade, é necessário dispor dela. E, necessário nacionalizar, isto é, arrancá-la das mãos da Burguesia. O Soviet Superior nacionalizou já, segundo o relatório do seu Congresso do verão passado, todos os ramos principais da nossa indústria. No decurso dos últimos seis meses, o Conselho Superior nacionalizou 393 empresas metalúrgicas, 28 empresas electrotécnicas, 82 empresas têxteis, 88 empresas químicas, 113 empresas de trabalhos minerais, 52 empresas poligráficas, 116 referentes a papel, etc. Agora, o último Congresso dos Soviets de Economia Social realizado em Dezembro resolveu nacionalizar toda a indústria, assim como o comércio total.

3.º E' preciso tomar a direcção total da produção nacionalizada. Isto reclama uma grande obra de reorganização que não foi ainda levada a cabo dum modo completo pelo Soviet superior, e que se tornou o ponto central das deliberações do último Congresso Económico, mas não deixará de ser cumprido.

Segundo o plano estudado no Congresso, a direcção de cada um destes ramos de indústria é centralizada nas mãos dum comité superior, espécie de trust gigantesco formado de membros eleitos pelos sindicatos operários e os representantes do Soviet Superior, e que fazem parte do Soviet Superior. Estes comités têm os seus homens em todos os Soviets de Economia Social dos governos e distritos que lhe estão submetidos. E' certo que não podem ser verdadeiramente regular a produção sendo centralizada completamente toda a direcção da indústria e submetendo inteiramente os soviets económicos locais às directórias do centro e é neste sentido que se pronunciou o último Congresso.

Tal é a obra realizada já pelo Soviet Superior, obra colossal se tivermos em consideração o estado atrasadíssimo da indústria quando há um ano o Proletariado da Rússia tomou conta dela.

Quatro anos de guerra fizeram d'ela, a indústria em todos os países. Na Rússia, o estado da produção era ainda pior que noutra parte qualquer. A indústria e os meios de transporte estavam desorganizados, arruinados, destruídos. A Burguesia, com a sua sabotagem e a sua revolta, agravava mais a desordem. Tudo tinha que ser refeito e reorganizado. A realização dum tal trabalho reclamava um aparelho que não podia criar-se imediatamente e que só agora se encontra satisfatoriamente montado.

Ao mesmo tempo, os guardas-brancos, os techeslovacos, os imperialistas aliados e os imperialistas germânicos atacavam-nos de todos os lados e separavam-nos, apoderando-se da Ucrânia, da Sibéria, do Turkestan e dos centros cerealeiros. Aos esforços do Proletariado para reconstruir a produção, os imperialistas de todas as côrtes opunham a guerra de usura com que esperavam sufocar a Revolução proletária na Rússia. O imperialismo aliado não está morto, mas a guerra de usura continua da parte do imperialismo aliado.

Apesar de todas estas enormes dificuldades, o Proletariado da Rússia reorganizou e criou condições, graças às quais não só este ano, regularmente a produção e a distribuição em todo o país, está ainda feito, mas demos já um grande passo para o Socialismo.

Quando o Proletariado russo, pois, de poder de organização tanto quanto o Proletariado de outros países, não é mais signifi- cante para uma tal obra e menos para sempre a velha prova, que assim o Proletariado argumenta burgueses, se é de organizar a sua indústria, ora é certo que o Proletariado da Alemanha, da Inglaterra, da França e da América, melhor será um orgão que os operários da Rússia, ainda não se organizaram.

Mas a organização socialista, a produção não é completa quando feita pelo proletariado dum país. Só se pode conseguir a produção socialista quando se consegue a produção socialista em todos os países.

Cabe-nos agora a vez, então, do Ocidente. Faz-se ou não tem a luta útil nos soviets da Rússia? E' ligam-se agora a estas curiosas experiências de economia social seriam possíveis sem a conquista do poder, sem a ditadura do proletariado?

pressão dolorosa, rem, numa cidade, linha como poucas, uma grande parte da população arrastando-se com formas de trabalho, para as quais eles não encontram explicação que não seja uma acuação aos que deviam, a qualquer título, tentar melhorar, acabar com um estado de coisas que é uma barbaridade e uma vergonha.

Quando aparece nesta terra alguém que tenha olhos para ver, e que esteja em condições de alguma coisa conseguir, dando assim saúde a milhares de pessoas, e civilizando?

Na Catalunha

Algumas notas curiosas sobre a orientação sindicalista na Catalunha: Aqui há semanas esteve em Barcelona, um toureiro de fama, Belmonte ou Galito, ou qualquer outro, não sabemos bem, que decorar nomes de brutos e tarefa que não queremos dar à memória. Quem lá levá-lo e trazê-lo da praça de touros, em automóvel, era um amigo, ou admirador do escachebo. Pois foram os chauffeurs ter com o aficionado automobilista e lembraram-lhe que com transportar no seu carro o toureiro impedia os chauffeurs profissionais de algo ganharem com esse transporte. E parece que daí por diante passou o matador a servir-se dos carros de praça — enquanto os que mais úteis funções sociais exercem continuam a andar a pé.

Outra. Como noutro sítio se relata, uma segunda greve geral estalou na capital catalã. Greve geral, mas a tal ponto geral que não sabemos de classe que lhe não desse o seu apoio. Chegada a hora fixada, tudo parou. Uns gatos pingados que acompanhavam um funeral abandonaram o cadáver em plena via pública e foram-se. E, adrede inesperada, até os sacristães e os sinelros cruzaram os braços deixando de tanger as tocatinas monótonas das torres. Não será esta atitude dos sacristães mais perturbará o governo espanhol. Mas, dado que já o sindicalismo atingiu os pináculos dos templos, lícito é augurar-lhe triunfo definitivo para breve.

O seu a seu dono

O Governador civil de Aveiro, a quem nos referimos ontem nesta secção a respeito da escassez dos géneros alimentícios e que pedira insistentemente milho, apenas milho, em lugar de tropa e autorização para fuzilar o povo quando, com fundamento, nutria receio pela alteração da ordem pública no seu distrito, em consequência da falta de pão, era sr. Vasco Quevedo.

E' bom que o proletariado e o país inteiro conheçam estes factos para fazerem justiça a quem é devida, seja qual for a sua filiação política ou partidária.

Se todas as autoridades administrativas e militares lêsem pela cartilha do sr. Vasco Quevedo, em relação às subsistências públicas, bem melhor seria para toda a gente e para a República. Felizmente, porém, que o critério do sr. Vasco Quevedo se vai desvanecendo, pois sabemos que há um governador civil, algures, que também não está disposto a fuzilar o povo esmoado do seu distrito, onde os operários auferem, por semana, o salário máximo de 4320 e tem que dispendir 7320, só de milho e também por semana.

Os negregados telefones

O procedimento da Companhia dos Telefones tem suscitado gerais protestos de duas categorias de indivíduos: Primeira, a dos subscretores, insatisfeitos com o serviço. Segunda, a dos que desejam sê-lo, tendo requisitado em vão a Companhia o almejado aparelho, esperando meses por ele, e desesperando de alcançá-lo ao fim de longo tempo. A esta última categoria pertencemos nós. Ainda A Batalha não viu a luz da publicidade e já a nossa requisição havia sido enviada nos escritórios da Companhia. Sem embargo, até o dia de hoje, a respeito de telefone, três vezes fomos. Vem esta inútil queixa a pêlo por termos lido nos jornais a proposta para reunirem os subscretores da Companhia e formularem em assembleia as suas reclamações. E' justíssimo. O serviço tem de ser melhorado, ampliado, posto em harmonia com as necessidades do público. Como está não pode ser. E apesar de o sabermos demasiadamente, apesar de calcularmos de antemão o sem número de reclamações que teríamos de formular quando em posse do aparelho requisitado, ainda assim não deixamos de desejá-lo. E é isso precisamente o que nos custa.

convulsão

Barcelona de novo se lança na greve geral — esta a mais absoluta das até hoje levadas a efeito, no dizer do próprio «diário de Romanones. O motivo? E' o recem-não os últimos telegramas. E' a de teimar o governo, apesar de o caso em manter as prisões electuavecidas, e o último movimento. Essas prisões contam-se por centenas. De mais, os presos são ficados em meio os operários barcelonenses sua solidariedade sassem agora toda a população de vítimas da causa em que todos eles se empenharam. Mas dispõe-se a catalunha a não se deixar levar pelos seus créditos de fôco reivindicatório de mados à custa de muito esforço e muito sangue. Dois caminhos pode seguir o governo espanhol em face deste novo movimento: ou abrir simplesmente as portas das cadeias, pondo em liberdade os grevistas presos, e será esta a conduta mais inteligente sendo ao mesmo tempo a mais justa; ou prender uns tantos mais, a ver se assim fica sufocado o protesto, — esperteza idiota, focado o protesto começa a falhar, mas que parece ser ainda muito do gosto dos governantes de todos os países. E' que o operariado, tendo sido através de séculos, a massa muda que se espantava

anuel Ribeiro

rem, numa cidade, linha como poucas, uma grande parte da população arrastando-se com formas de trabalho, para as quais eles não encontram explicação que não seja uma acuação aos que deviam, a qualquer título, tentar melhorar, acabar com um estado de coisas que é uma barbaridade e uma vergonha.

E milio Costa

OUVINDO O SR. EZEQUIEL DE CAMPOS

Como se melhorariam as condições de vida

Expropriação de vastas áreas de terreno, mal utilizado, e entrega da sua exploração a famílias cultivadoras e industriais

Como os leitores viram no artigo anterior, a primeira medida na lista das que, no autorizado entender do sr. Ezequiel de Campos, melhorariam as condições de vida, é a expropriação de vastas áreas de terreno mal utilizado nas regiões de fraca densidade de população, para serem reservadas como património nacional com o fim da povoação o mais rápida possível por meio de famílias cultivadoras e industriais, a que o Estado daria facilidades suficientes e oportunas de trabalho com êxito. Foi ela, naturalmente, a primeira sobre que pedimos pormenores ao ilustre economista. Quais as razões e fins de tal medida, segundo as suas ideias?

Há uma defeituosa organização agrária que impede a terra de produzir na medida da sua capacidade. E como a terra não fixa e encorpore no seu trabalho a actividade da gente, Portugal vai-se tornando um povo de revoltados no Sul, e um viveiro de emigrantes no Norte.

Em primeiro lugar — diz-nos — a situação insostenível da gente perante o solo do país é esta: na máxima parte do Norte a terra está partilhada por muitos proprietários pequenos que a cultivam com canceiras desmarcadas, porque nem seguem a melhor organização das suas casas agrícolas, nem usam os melhores processos e máquinas de cultivo; no Sul, especialmente na Beira Baixa e no Alentejo, há um relativamente pequeno número de proprietários que possuem a maioria do solo — talvez nove décimos — de par com um número restrito de proprietários médios, e um grande número de donos de courelas que não chegam a formar predios agrícolas. No Sul dominam sempre e ainda domina o pousio na maioria do terreno: só a pequena propriedade, em regra, é cultivada com tal ou qual intensidade. A maioria da população não é dada organizar pequenas casas de lavoura, de cultura intensa e variada, porque a terra das herdades não se vende em fracções convenientes para isso, não se arrenda, nem se afóra com aquele fim.

E' por isso que estão certas estas palavras que Raul Brandão, nas Memórias, atribui a Fialho: «no Alentejo não há repúblicas: há odios. O odore não pode ver o rico. E' uma gente roída de invejas e rancores, que passa anos e anos da vida a eubizar um campo...»

A consequência deste arranjo social da posse e transmissão do nosso solo nacional da Ibéria é esta: emigração das sobras de população do Norte e dos mal acomodados do Sul; permanência da exploração andrôfica da terra do Sul.

— E como encara a nossa emigração? — interrompem-nos.

A emigração portuguesa, tal como tem sido, só nos levará a maior decadência. A gente é a maior riqueza das nações: um povo vale o tanto mais quanto melhor souber enriquecer e fraterizar a grei com os recursos do seu país.

Quanto a mim — responde o sr. Ezequiel de Campos — aqueles dois factores ficam, no fundo da questão, como motivos dominantes da nossa pobreza e da nossa decadência como povo. Expus em A Conservação da riqueza nacional, em A Grei e na Evolução e revolução agrária quanto resulta nociva para nós a emigração tal como ela tem sido, especialmente desde 1890 para cá: vão-se os trabalhadores, aos milhares, aos milhares, — tantos que dariam todos os anos para fundar vilas e aldeias e que proporcionariam uma produção e um consumo notável de artefactos e de alimentos; crescem os parasitas da terra, sobrecarregam os orçamentos do Estado; veem o dinheiro do Brasil e o brasileiro, que nem estimulam a produção rendosa, nem trazem a elevação da população portuguesa, de maneira a aproximá-la de uma política nacional, — porque pagam pobreza e luxos, mas não importam ideias e ideias.

Imaginemos que acantonávamos na terra larga e mal aproveitada do Sul uma fracção, pequena que fosse, da nossa emigração actual (que tem de ser vinda, quer finalmente impondo uma nova ordem social. E' potência contra potência, como diz Solidaridad Obrera, o decurso dos tempos dirá a quem cabe a vitória).

REGRESSO DE FRANÇA

Nos primeiros dias da próxima semana é esperado no Tejo o vapor Helenus, trazendo elevado numero de militares do C. E. P.

rescecer) e que a dotávamos dos meios de trabalho rendoso: ela fundaria vilas e aldeias, transformaria o pousio de longo período em ceareas, em prados, em olivais, em pomares, em matas... domando rios, colmatando varzeas, regando leivas sequeiras, reverdecendo hortas, semeando pinheirais, plantando eucaliptos... fazendo fumegar as forjas, vibrar os fios da electricidade, zumbir de actividade as oficinas e as fábricas... irmanando os homens, apagando-lhes os odios e as invejas.

O Norte, nas regiões de grande densidade de população (e até nas outras não pode, sem uma remodelação profundíssima da sua vida económica (que é impossível agora) não pode deixar de dar muita gente para a emigração: o Brasil e as nações da guerra convidam; as más condições da vida local impelem. O sul não faz senão arredondar lotes de herdades. Aumentam os rebanhos; os cereais e a policultura não tentam: porcos, ovelhas — braços desocupados. Também há de aumentar a emigração do Sul, se a carestia dos salários se não puder manter...

— Dentro, pois, do actual condicionamento da nossa população agrícola do Sul, não cre que surja remédio?

O Sul do país não fará espontaneamente uma modificação agrária que canalize a gente da emigração para a sua terra de pousios longos, e que irmane os interessados regionais no cultivo da terra. Só a terra de património nacional, que urge adquirir, pode dar arrumação à maior parte da gente prestes a emigrar.

— Não, responde-nos o sr. Ezequiel de Campos; porque tudo leva a aumentar os períodos de pousio, a continuar os simples colheitas pelos animais valorizadores e com o mínimo de trabalho humano, do que a terra produz quase espontaneamente: o pasto selvagem, a boleta, a cortiça e a lenha que o pombo bravo semeou e a boa natureza faz crescer. Os cereais panificáveis e a carne de vaca devem diminuir no Alentejo.

— E para que tal não suceda entendem...

— Que é necessário prover terra, para arrumar as famílias que de outra forma irão ser desarranjadas pela emigração dos seus sustentáculos, e para colocar em trabalho útil a todos nós o crescimento da nossa população. Não a há do domínio público: vamos constituir o património nacional, por expropriação.

A terra tem dono: não se contesta isso. A Constituição diz: «é garantido o direito de propriedade, salvo as limitações estabelecidas na lei». A lei estabelece vários casos de expropriação por utilidade pública: pois a expropriação de terra para fixar o melhor da nossa população no mais lucrativo trabalho da Grei é muito mais justificável do que para estradas, caminhos de ferro, etc...

E' uma questão de salvação pública. Não se pede o esbulho a nenhum proprietário dos prédios que em cultivo ele dirige ou faz com esmero, reclama-se tão somente que a terra que anda em pousios longos, e que está deshabitada, ou quasi, passe, mediante o respectivo pagamento dela, para as mãos de quem a venha cultivar com pertinácia, em proveito para todos...

«Não basta expropriar pequenos trechos de descampado alentejano para experiências; é necessário dar à Nação vastas áreas de terra semi-entregues à natureza (e há tanta em pousio de 8 e mais anos pelo Sul) para termos possibilidade de formar novos núcleos de população com outros ideais, com outras constituições orgânicas. Em cada concelho dos distritos de Castelo Branco e da terra alentejana haja uma expropriação para uma aldeia (uns 500 a 1.000 hectares); e nas regiões mais desertas, e de cultura mais rudimentar, para vastos tratos de população. Reclamamos a formação do património público para os portugueses sem terra; reclamamos medidas complementares que deem a essa o seu pleno efeito; e que os políticos sejam enfim verdadeiros políticos, capazes de servir os interesses gerais, com uma política nacional.

Comitê operário em Almada

As associações operárias do concelho de Almada resolveram, numa reunião ultimamente efectuada, realizar no próximo domingo um comício público onde se aprecia a carestia da vida e a situação em que se encontram as classes proletárias daquela localidade.

Contos de «A Batalha»

A má paga, mau trabalho

Era uma vez um pobre tecelão e sua mulher, que mal podiam sustentar três filhos que tinham. Dois destes não saíam fora do comum. O mais velho, porém, de nome Jorge, era o mais alto e o mais forte dos rapazes da sua idade, tinha por costume reflectir sobre as coisas e depois dizia: *isso é justo ou isso é injusto*. E tendo dito *isso é justo* só se o matassem o impediram de o fazer, assim como também se dissesse *isso é injusto* preferia deixar-se matar a fazê-lo. Mas as questões de justiça são quasi sempre complicadas, de maneira que a Jorge, como a toda a gente, acontecia enganar-se.

Um dia, à mesa, depois de o pai e a mãe se terem servido, Jorge pegou na travessa e disse: —Hoje reparei bem e não me engano; eu, só, fiz exatamente tanto trabalho como meus irmãos. E, pois, justo que eu, só, coma tanto como eles ambos.

E ao acabar de pronunciar estas palavras sobre a justiça, deitou no prato metade do que estava na travessa.

Mas o pai perguntou-lhe: —Quando tinhas dois anos, que trabalho fazias tu?

—Nenhum, replicou Jorge; eu era muito pequeno.

—Se, como és justo, ou não te tivesse dado de comer antes de ganhares para teu sustento, julgas que terias podido viver?

Jorge não respondeu e fez-se muito vermelho. Tornou a pôr na travessa o que deitara no prato, dividiu a comida em três partes iguais, serviu os irmãos e esteve um bom bocadinho sem comer. Por fim, observou:

—Talvez que a justiça nada tenha que ver com a família.

E ainda desta vez não começou a comer, preso como estava a reflectir sobre coisas muito complicadas. Depois de ter reflectido bastante, voltou-se para a mãe e disse-lhe:

—Se tu me deixasses algumas vezes, como quando eu era pequeno, eu não pensaria tanto no que é justo.

A mãe respondeu: —E' que quasi nem tenho tempo para isso, meu Jorge.

Desta vez Jorge não precisou de reflectir. Atalhou imediatamente:

—Olha, mãe, o que dá coragem, não faz perder o tempo: faz ganhá-lo.

E a mãe então, beijou-o muito.

Quando fez quinze anos, como os quinhões de pão e comida, em casa, fossem bem pequenos, Jorge abraçou o pai, a mãe e os irmãos e partiu, para que os quinhões dos que ficavam fossem maiores. Confrangia-se-lhe o coração, mas como sabia que fazia bem, não chorou.

Foi para o serviço de um lavrador das proximidades do lugar. Promettera a si próprio trabalhar bastante, para agradar ao amo.

Mas logo no primeiro dia viu que o amo era um homem mau e avaro; então mudou de ideias.

Na manhã seguinte ordenou o lavrador a Jorge:

—Anda comigo. Vamos lavar.

Foram, cada um com sua junta de bois e seu arado, mas sem levarem nada de comer. Jorge pensou:

—Quando o meu amo me conhecer e tiver confiança em mim, dir-lhe-ei que ir comer a casa pelo dia adiante, faz perder muito. Mas hoje nada lhe direi: não se devem dizer estas coisas aos que ainda nos não apreciam.

Poz-se a trabalhar com ardor, para que o amo tivesse bem depressa confiança nele, e como era muito forte fazia três vezes mais trabalho do que o amo.

Quando chegou a hora de comer, tinha um grande apetite, porque tinha trabalhado muito.

Propoz-lhe o amo:

—Eh! rapaz, se se nós fizessemos que jantamos?

Jorge não ficou satisfeito com isto, mas disse:

—Como for da sua vontade. Sentaram-se à sombra como para jantar. O lavrador tirou uma navalha da algebeira e pôs-se a arranjar as unhas ao mesmo tem-

po que conversava como quando se está a comer. Jorge não dizia nada, e reflectia. Depois de terem empregado o tempo de jantar a fazerem que jantavam, voltaram ao trabalho.

Mas Jorge, em vez de abrir com o arado um novo rego, passou sobre o último aberto de manhã, e quando chegou à extremidade da leira, voltou para o penúltimo.

A princípio o lavrador nada disse; quando, porém, aquela manobra se repetiu três ou quatro vezes, perguntou num berro:

—Eh! rapaz, que é que andas a fazer?

—Que há de ser? Quem faz que janta, faz que trabalha.

Bastante vontade teve o lavrador de lhe dar uma bofetada na cara, ou um pontapé noutro sitio, mas Jorge era muito forte, e não tinha na ocasião um ar muito agradável. O lavrador preferiu calar-se e até à noite o rapaz continuou a passar o arado pelos sulcos já cavados, fazendo que trabalhava.

No dia seguinte de manhã, o lavrador disse à mulher:

—Dá qualquer coisa de comer e de beber ao criado.

E disse ao criado:

—Jorge, tens que ir empar a vinha.

A caminho da vinha, Jorge viu o que a patroa lhe tinha dado para comer e beber, e abanou a cabeça como quem não está satisfeito. Depois, quando chegou ao seu destino, pôs-se a falar sózinho, mas fazendo duas vozes diferentes, como se conversasse com a vinha e a vinha lhe respondesse:

—Vinha, que queres que eu faça?

—Jorge, que tens na cabeça?

—Água-pé desenxabida.

—E a respeito de comida?

—Pão de centeio, no alforje.

—Pois deita-te a dormir, Jorge.

A' noite, quando voltou a casa, perguntou-lhe o amo:

—Empaste muito, rapaz?

—Bastante, sim senhor. Fiquei na cepa torta.

No dia seguinte, tornou para a vinha:

—Vinha, que queres que eu faça?

—Jorge, que tens na cabeça?

—Água-pé desenxabida.

—E a respeito de comida?

—Pão de centeio no alforje.

—Pois deita-te a dormir, Jorge.

A' noite, perguntou-lhe o amo:

—Empaste hoje muito, rapaz?

—Tanto como ontem; fiquei na cepa torta.

O lavrador não disse nada, mas no dia seguinte, partiu para a vinha antes do criado, e viu que o trabalho nem começado estava.

Esconden-se atrás da sebe, e quando chegou o criado, ouviu-o falar sózinho, mas fazendo duas vozes diferentes, como se falasse com a vinha e a vinha lhe respondesse:

—Vinha, que queres que eu faça?

—Jorge, que tens na cabeça?

—Água-pé desenxabida.

—E a respeito de comida?

—Pão de centeio no alforje.

—Pois deita-te a dormir, Jorge.

E viu que o criado se deitava em vez de trabalhar.

A' noite, o amo não disse nada, mas, ao deitar-se, recomendou à mulher:

—Amanhã tens que dar ao criado bom pão e bom vinho...

No dia da seguinte de manhã, depois da patroa lhe ter dado bom pão e bom vinho, Jorge partiu para a vinha.

—Vinha, que queres que eu faça?

—Jorge, que tens na cabeça?

—Uma pinga que é duma cana.

—Trabalha, safardana.

—E a respeito de comida?

—Pão de trigo, no alforje.

Pois então trabalha, Jorge.

A' noite, quando Jorge voltou, perguntou-lhe o lavrador:

—Empaste hoje muito rapaz?

—Deixei tudo pronto, meu amo.

Dai em diante, deram-lhe sempre bom pão e bom vinho e ele fez sempre bom trabalho.

Han Ryner

VIGOR DA VIDA

Garante a cura da impotência e seus derivados. Tratamento 3500. — Vitor & C. Rua de Santa Marinha, 18 a 22

OLIMPIA

Hoje 3 estreias

Matinée e Soirée

TOSCA

da opera cinematográfica em 5 actos de V. SARDOU

PERSONAGENS

Tosca...
Condessa d'Atavanti...
Mario Cavaradosi...
Barão Scarpia...
Angelotti...
Spoleto...

Francesca Bertini...
Olga Benetti...
G. Serena...
A. d'Antony...
Luigi Masso...
De Lica...

Scenários sumptuosos. Música expressamente arranjada pelo maestro concertador D. José Bonet.

Estreia — O TIO XAVIER, comédia em 2 actos sobre assuntos de JUDEX por Mamarracho. Estreia — CIDADES BELGAS.

No programa: O Triunfo do Dever, 4 actos

Os enormes encargos que este programa vem acarretar à empresa, obrigam-na a aumentar o preço dos bilhetes. Matinées: Platea 400; Balcão 700.

Soirées: Platea 500; Balcão 15000.

A Empresa pede a fineza de não se utilizarem dos bilhetes do convite.

QUESTÕES QUE INTERESSAM

A falta de comboios nas linhas do Sul e Sueste

Sabendo os enormes prejuízos que ao público está causando a falta de comboios nas linhas do Sul e Sueste, onde até hoje se mantem reduzidíssima a circulação dos principais comboios de passageiros, em princípio justificada pela Associação, nas consequências da greve última que o pessoal daquelas linhas levou a efeito, depois da falta de máquinas e, por último, por motivos para nós e para o público indecifráveis, por isso que o pessoal ferroviário já afirmou, em notas aqui publicadas, que a normalização do serviço de comboios se podia fazer imediatamente, para o que havia máquinas em quantidade suficiente, tendo-se nesse sentido a sua Associação de classe dirigido aos poderes superiores. Visto sobre o pessoal pesar a responsabilidade dessa insuficiência, resolvemos procurar quem sobre o assunto nos pudesse dar seguros informes que nos habilitassem a imprimir nas colunas de A Batalha as razões porque o público do sul do país ainda sofre uma tão sensível falta de comboios para os seus transportes.

Para esse efeito dirigimo-nos ao Barão, em procura de alguém que devidamente nos informasse. Depois duma troca de impressões com alguns ferroviários que vimos pelo trajeto, foi-nos indicada a Associação de classe do Pessoal dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, em cuja sede facilmente encontramos esclarecimentos a respeito do que ali nos conduzia.

Foi o que fizemos e em tão boa hora que fomos deparar com um ferroviário, membro da Comissão encarregada de provar a possibilidade de se normalizar o serviço de comboios e de solicitar essa normalização, que, depois de expor-nos o que ali nos levava, imediatamente se pôs à disposição de A Batalha.

Começámos por manifestar a nossa extraneza e a do público pelo facto de até hoje o horário em vigor não ter sofrido modificação alguma, quando é certo que na imprensa foi afirmado, pelo pessoal, que se ia proceder a essa modificação.

Imediatamente o nosso informador nos diz:

—Sim, de facto sucedeu isso, mas não é da responsabilidade do pessoal, pois que todos nos temos esforcado para que o antigo horário n.º 16 seja posto em execução, sem até agora o termos conseguido, apesar de termos resolvido todas as dificuldades que pela Administração eram apresentadas.

—Mas a falta de máquinas não é o principal obstáculo—interrogámos.

—Não senhor. Eu lhe descrevo o trabalho da comissão de que faço parte e lhe digo a razão de ainda não se ter modificado este estado de coisas—o nosso amável informador começa por falar-nos da necessidade de organização duma comissão para tratar do assunto, necessidade que surgiu do facto da administração alegar, em resposta às reclamações que o público lhe formulava, que a falta de comboios residia nas consequências resultantes do pessoal ferroviário, o que sabíamos não ser verdade, por isso que a inutilização de máquinas tinha sido feita justamente por indivíduos estranhos ao Caminho de Ferro e que o governo tinha assoldado para trazerem aqueles movimentos.

—Mas, realmente, ficaram inutilizadas muitas máquinas por ocasião das greves?—inquirimos.

—Apenas umas duas ou três e essas mesmo com pequenas avarias de fácil reparação. Mas não era a simples falta dumas duas ou três máquinas que podia justificar a falta de comboios, e daí o ter a comissão resolvido levar a efeito um como que inquérito, cujos resultados o meu amigo vai conhecer. Depois duma troca de impressões entre os membros da comissão, dirigiram-se todos ao gabinete do inspector da 1.ª secção, que foi a primeira entidade ouvida por nós sobre o assunto. Entre outras coisas responderam-nos que o aumento do número de comboios, prejudicaria sensivelmente o serviço de mercadorias, que era o primeiro a atender, pois que a falta de máquinas traria como consequência a supressão dalguns comboios de mercadorias, para poder ser aumentado o número dos de passageiros. Objectámos que a falta de máquinas não era tão sensível como se pretendia, e que um pouco de boa vontade remediaría todas as dificuldades, respondendo-nos que, em sua opinião, o serviço, tal como estava, se devia manter durante o mês de Março, pelo menos. Convinha dizer que isto se passava nos meados de Fevereiro e numa data em que os engenheiros já tinham abando-

nado os seus lugares, convencendo-nos de que a atitude do inspector da 1.ª secção provinha desse facto, pois não desejava facilitar a nossa missão, para não pôr em cheque os superiores.

—Dessa forma não encontraram apoio naquella inspecção?

—Não resta a menor dúvida. Mas vá ouvindo. Seguidamente fomos avistar o inspector de tracção, que amavelmente nos recebeu declarando que, embora com algum sacrifício, podia garantir a circulação do serviço de mercadorias e mais a circulação dos comboios 10, 9 e 6 para o Algarve, com as respectivas correspondências, como ainda mais dois comboios para o ramal de Setúbal, convidando porém que as oficinas dessem prontas umas três máquinas que ali estavam em reparação. Como vê, o inspector de tracção garantia o fornecimento de máquinas que se alegava não haver.

—Não ficaram por aqui as nossas démarches. Dirigi-mo-nos ao chefe das oficinas, que por sua vez nos garantiu a rapidez na reparação das máquinas que ali se achavam, e seguidamente convocamos o pessoal das oficinas a uma reunião, na qual expozemos o nosso intuito, pedindo para que todos se esforcassem na saída das máquinas que estavam em reparação. Tão completamente fomos compreendidos que dias depois saíram das oficinas três máquinas—sem que os comboios fossem postos em circulação como se pedira.

—E, depois disso, largaram o assunto?

—Não senhor. Procurámos o director a quem expozemos o resultado do nosso inquérito, respondendo-nos que ia tratar o caso com o ministro. Dali dirigimo-nos ao ministro que foi mais franco, pois nos declarou que o aumento dos comboios de passageiros só se fazia depois de regulada a questão da saída dos superiores. Esta questão foi solucionada no dia 14 do corrente e até hoje continuamos na mesma.

—De forma que não é por falta de máquinas que os comboios se não fazem, mas sim porque qualquer má vontade se impõe em prejuízo dos interesses do público.

—Exactamente—responde-nos o nosso entrevistado.

—E sabe qual é a causa que motiva tudo isto?

—Eu lhe digo. O abandono dos lugares levado a efeito pelo pessoal superior desautorizou-os, ficando o serviço entregue aos inspectores que por sua vez se tem esforcado por desenvolver o ponto tal que o descongestionamento das mercadorias nas estações é hoje um facto, e o deficit de material circulante diminuiu consideravelmente, resultando daqui a prova do péssimo serviço que se fazia, sob a direcção daqueles que abandonaram os seus lugares. O ministro que conhece tudo isto, não querendo dar-lhe o golpe de misericórdia, está protelando a normalização do serviço dos comboios, para não acentuar mais a desautorização das entidades superiores.

Agradecendo ao nosso amigo as valiosas informações que nos deu apresentamos-nos em traze-las às colunas de A Batalha para que o público saiba que a falta de circulação de comboios de passageiros nas linhas do Sul e Sueste é motivada não pela falta de máquinas, de material, combustível ou pessoal, mas unicamente pelas ridículas susceptibilidades de algumas entidades superiores a quem o ministro não quer ferir. Simplesmente inadmissível. Os interesses do público não podem estar à mercê de tais futilidades. Logo, que o horário antigo seja posto em vigor sem mais desculpas inaceitáveis. Exigim-nos as populações do Sul prejudicadas com um tal estado de cousas.

INFANTICIDIO

Uma vítima dum preconceito estúpido

A polícia prendeu ontem na rua dos Anjos, 71, 1.ª, Ana Maria, de 25 anos, servil, filha de Francisco Amareiro e de Gertrudes Antunes, natural de Mafra, a qual, achando-se como creda no 4.º andar da avenida Almirante Reis, 174, den à luz, pelas 20 horas do dia 17, uma criança do sexo feminino, que em seguida deitou para o saguão do prédio 178 da mesma avenida.

A criança foi encontrada no dia 18, e levada pela polícia para a morgue.

Encetadas as diligências e presa a Ana, ao ser interrogada pelo chefe Sequeira, confessou o crime.

NO MUNDO OFICIAL

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA

Uma comissão de funcionários do Estado pediu uma audiência ao presidente da República, a fim de lhe expor um assunto de interesse para todo o funcionalismo público.

INSTRUÇÃO

Foram contratados, por 3 anos, para professores da nova escola normal primária de Coimbra de língua e literatura, dr. Agostinho Jorge da Silva; da história pátria, dr. Sílvia Pelico de Oliveira Neto; de geografia geral, corografia de Portugal e colónia, dr. Alberto Cardoso Pires Pinheiro; de ciências físicas naturais, dr. Augusto de Azevedo Soares; de noções de higiene geral, higiene escolar e pedagogia, dr. Armando Augusto Lial Gonçalves; de legislação comparada de ensino primário, dr. José Faleiro Ribeiro; de metodologia, Bernardina da Fonseca Lago; de educação social, dr. Henrique Videira e Melo; de psicologia experimental, dr. Carlos Costa Mota; de desporto, Afonso Fernandes Duarte; de música e canto coral, Alírio de Figueiredo Oliveira; de noções agrícolas e de economia rural, dr. João Vaz de Carvalho; de noções de economia doméstica e labores, Adriana Josefa Martins Ribeiro Saravia; de educação física, António Augusto Moraes Silva. O director da escola é o dr. sr. António Cândido de Almeida Leitão.

—Foi posta a concurso a escola mista de Monfobres, conselho de Moura.

—A sub-comissão da comissão da reforma do ensino primário, dr. José Faleiro Ribeiro, conferenciou ontem com o ministro da instrução.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

—O dr. sr. Jacinto Nunes foi ontem agradecer ao sr. presidente da República interesse que tomou pela criação da comarca de Grandola.

OS QUE MORREM

FALECIMENTOS

Faleceram ontem e sepultam-se hoje as seguintes pessoas: Manuel Borges, Inês Mendonça e Blandina do Carmo Sequeira, às 15 horas, saindo do hospital de S. José; Manuel dos Santos, às 15, do hospital do Rêgo; Eugénio dos Santos Moniz, às 15, da rua do Bemfornoso, 67; José Domingues, às 15, do hospital de Santa Marta; D. Ana de Oliveira, às 16, da rua Particular, 11, ao Monte Prado; D. Maria do Rosário Morgado, às 12, da rua das Damas, 4; Eduardo Rodrigues da Conceição e Sousa, às 15, do hospital de S. José para o cemitério ocidental.

—Na casa de sua residência, calçada de Santana, 4, faleceu ontem Júlio José da Silva, prestimoso operário da Fábrica de Armas, e que foi um dedicado propagandista de A Batalha, deixando em todos que com ele conviviam viva saudade.

O funeral, que deve constituir uma manifestação de pesar pela parte do pessoal do Arsenal do Exército, realiza-se hoje, pelas 16 horas, da morada acima em direcção ao cemitério oriental, sendo o acompanhamento a pé.

—Faleceu, por doença adquirida em Moçambique, o alferes sr. Valdemiro Azevedo.

—Faleceu ontem, pelas 18 horas, Eduardo de Lemos, irmã do nosso camarada Abel de Lemos, realizando-se o funeral amanhã, pelas 10 horas.

A direcção do Club Recreativo «Os

JESUS NA GUERRA

Novidade literaria da maior actualidade

As mais interessantes teorias sociais

A' venda em março — Preço 50 centavos 500 réis

Pedidos á EMPREZA EDITORA POPULAR

Rua do Poço dos Negros, 79 a 83

Propaganda social

Serie de folhetos em preparação

N. 1

Necessidade da Associação

Por José Prat

Ao Trabalhador Indiferente

Por Pinto Quartim

Preço de cada 60 rs.

Companhia Portuguesa de Fossforos

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital Esc. 4.500.000\$

Mesa da Assembleia Geral

AO tendo podido reunir, por falta de representação de capital suficiente, a assembleia geral ordinaria desta Companhia, convocada para ontem, é a mesma assembleia convocada para o dia 12 de abril próximo futuro, pelas quatorze horas, no edificio do Banco Lisboa & Açores, sendo a ordem do dia:

1.º Discutir o relatório do conselho de administração sobre a gerência de 1918 e votar as conclusões do parecer do conselho fiscal.

2.º Proceder, nos termos do disposto no § 2.º do art. 9.º do art. 17.º e dos §§ 1.º e 2.º do art. 30.º dos Estatutos, á eleição da Mesa da Assembleia Geral, do Conselho de Administração e do Conselho Fiscal, que devem funcionar no triénio de 1919 a 1921.

Lisboa, 24 de Março de 1919.

O Presidente da Mesa

(a) Izidoro José de Freitas

Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes

LEILÃO

Em 10 de Abril próximo futuro e dias seguintes ás 11 horas por intermédio dos agentes de leilões srs. Casimiro C. Cunha & Sobrinho, Sucessor na estação desta Companhia em Lisboa, Caia dos Soldados em virtude do Aviso ao Público n.º 801 de 14 de Março de 1918 e do Art. 113 da Tarifa Geral proceder-se-á á venda em hasta pública de todas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Arreates, pontões, e respectivos contrapontões de que poderão ainda retirar-se, pagando o seu débito á Companhia, para o que deverão dirigir-se á Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Caia dos Soldados todos os dias úteis até 8 do referido mês de Abril inclusive das 10 ás 16 horas.

Lisboa, 19 de Março de 1919. — O Director geral da companhia, Ferreira de Mesquita.

Procuradoria Confiança

Praça dos Restauradores, 18, 1.º

TELEFONE 3.300 C.

Trata de papéis de casamento civil e religioso, assim como acções de divórcio e todos os demais assuntos forenses, com zelo, economia e rapidez.

A SIFILIS

ERVANÁRIO da provincia cura radicalmente a sifilis e todas as doenças que derivam da impureza do sangue. Centenas de pessoas se têm curado com as ervas que recebe. Pacote, 600 réis. Provincia, 550 réis. Travessa da Oliveira, 21, r.º D., á Estrela. Curam-se todas as doenças.

Máquinas para entrega imediata

Motores a gás pobre e gasolina
Locomóveis e debulhadoras
Máquinas e caldeiras de vapor
Serras sem-fim e circulares
Máquinas para carpintaria
Moinhos e aparelhos para fabricas de moagem
Crivos Marot e tararas
Mós francesas de todas as dimensões
Cultivadores e semeadores
Tornos mecânicos, limadores e máquinas de furar
Acessórios para máquinas, óleos, correias e empanques.

Eduardo Pinto de Sousa & C., Lda
74, Rua 24 de Julho, 74-E
LISBOA

CAMISAS

a 1\$750 e 1\$850??

TODA EM ZEFIR, incluindo colarinho igual. Grande saldo, venda a retalho e por grosso. Há igualmente um saldo de rouparia para senhora.

FÁBRICA ELÉCTRICA

151, 1.º R. da Madalena, 151, 1.º

Tel. C. 3029

Livros novos e usados

Compram-se e vendem-se todas as obras de sociologia, arte e literatura, no Mercado Literário de José da Silva Oliveira, Calçada do Combro, 38-A.

INTERNATO

Plano dos estudos aprovado pelo Governo

- (a) Instrução primária
- (b) Curso completo dos liceus
- (c) Curso teorico-prático de comércio
- (d) Música e piano
- (e) Ginastica

(Decreto de 29 de Agosto de 1905)

DERNIER DE LA MODE

SORTIDO COLOSSAL DE CHAPELARIA
Os modelos mais elegantes
Os preços mais economicos

ALVARO ALMEIDA GARCIA
RUA DA PALMA, 50 e 52



OFICINA PARA CONCERTOS BICICLETES E GRAMOFONES

Maquinismos completos, cordas, tambores, ventoinhas, rodas de engrenagem, agulhas, etc., etc. Protectores e camaras de ar de diversas marcas e medidas. Esmaltagem a fogo de Bicyclettes e com frizos. Bicyclettes novas e usadas, e todos os acessórios para bicyclettes e gramofones.

5, AVENIDA DAS CORTES, 7

COLÉGIO LUSITANO

Instituto Primário, Secundário e Commercial

APROVADO PELO GOVERNO

PROPRIETARIO-DIRECTOR

JOSÉ NEGRÃO BUÍSEL

PORTIMÃO

O mais importante do Algarve

GRANDE LIQUIDAÇÃO

Por motivo de obras, Liquidação de todos os artigos existentes nos estabelecimentos do L. do Calvário, 16, 17, 18, 19, 20, 20-B e 20-C

Fazendas de lá para homem e senhora, sobretudoos, casacos de senhora, fatinhos de criança, camisas para homem e senhora, meias, peúgas, lenços, gravatas, colarinhos, suspensórios, panos brancos patentes de todas as qualidades, panos para lençóis de todas as larguras. Toalhas de rosto e mesa, colchas, cobertores, riscados, fanelas, chitas, cotins, oxford, zefires, cassas, camisolas de lá e algodão, para senhora e homem.

Descontos aos revendedores

TUDO MAIS BARATO

16, 17 e 18, Largo do Calvário, 20, 20-B e 20-C

O tenor Romão Gonçalves e o grande

Licor Romanini

Grande parte dos cidadãos de Lisboa que toem bebido este excelente licor estão prontos a afirmar que este é um dos melhores do mundo. Extremamente aromático e se conserva na boca durante algumas horas, sendo também pectoral. O tenor Romão, estando rouco, bebeu 3 calix deste licor e no dia seguinte estava completamente bom para cantar. É indispensável a cantores, actores, oradores e fumadores.

Fábrica de destillação a vapor
ALGÉS

Escritório para pedidos:
R. 1.º de Dezembro, 31, 3.º. Frente

A FUNTIPO

R. Nova da Piedade, 62, 2.º

A mais artistica fundição tipografica de Portugal

Director-proprietario
L. Sini

Serralharia Artística

Vicente Joaquim Esteves

TRABALHOS ARTÍSTICOS EM FERRO FORJADO

Construção e montagem

de vigamentos e coberturas metálicas

Fabricante de cofres e portas fortes à prova de fogo.

RUA DAS AMOREIRAS, 92 — LISBOA

Telefone 1412 (Norte)

Trabalhos DE

Serralheria

ANTONIO A. OLIVEIRA

Toma conta de todos os trabalhos da sua especialidade, garantindo perfeita execução e solidez.

Preços sem competencia

ATENÇÃO: Da importância de todos os artefactos executados á sua responsabilidade, oferece a percentagem de 10 %, que será dividida em partes iguais pelo jornal A Batalha e pelo cliente ou informador.

Procurai e recomandai esta oficina

Rua Ferreira Chaves, 6 M S
CAMPOLIDE

Comp. Caminhos de Ferro Portuguezes

Sociedade anónima. — Estatutos de 30

de Novembro de 1894.

EDITOS DE 30 DIAS

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do falecido agente reformado Francisco Correia Lueiano, ex-arquivista da Direcção Geral, á pensão por ele legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da provincia de panha, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo á divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Felismina Rosa Escudero, que também se assina Felismina Rosa Carreira.

Findo este prazo, será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 21 de Março de 1919. — O presidente da Comissão Executiva, (a) José A. de Melo Sousa.

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do falecido agente reformado, Manuel Mendes, ex-guarda de estação da Divisão de Ex-

ploração-Movimento, á pensão por ele legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo á divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Maria Gertrudes.

Findo este prazo, será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 14 de Março de 1919. — O presidente da Comissão Executiva, (a) José A. de Melo Sousa.

A contar da publicação do presente anúncio correm editos de 30 dias para se habilitarem junto da Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes os herdeiros do falecido agente, José Lopes da Costa, ex-conductor de 2.ª classe, Divisão de Exploração-Movimento, á pensão por ele legada como pensionista da Caixa de Reformas e Pensões da referida Companhia, nos termos do Regulamento de 26 de Maio de 1887, concorrendo á divisão ou impugnando o pedido em requerimento da viuva Clementina Ferreira da Costa e seu filho Victorino.

Findo este prazo, será tomada deliberação na conformidade das disposições do citado Regulamento, para os devidos efeitos.

Lisboa, 6 de Março de 1919. — O Presidente da Comissão Executiva, José A. de Melo Sousa.

REUMATISMO

SEJA ele que qualidade for e antigo que seja, a sua cura é certissima e em poucos dias pelo afamado Remédio Sansão (composto de dois específicos, um para o uso externo e o outro para uso interno como depurativo) sentindo-se prontos alivios logo em seguida ás primeiras vezes que se usar.

Preço (remédio completo) 25000 réis, pelo correio mais 150 réis, enviando-se para qualquer ponto da provincia a quem mandar a sua importância. Pedidos a Manuel A. F. Caldo & C.º, Largo do Corpo Santo, 20 e 22, Lisboa.

Tinturaria a Vapor

Maria d'Assunção Silva Branco

45, Calçada do Carmo, 47

TELEFONE 2019

TINGE em todas as cores e lava toda a qualidade de fazendas, seda, lã, algodão em fio, roupas de senhora e fatos de homem, felpas e desmanchados, pelotões, capas de borraça, reposteiros, peles, feltros e tapetes.

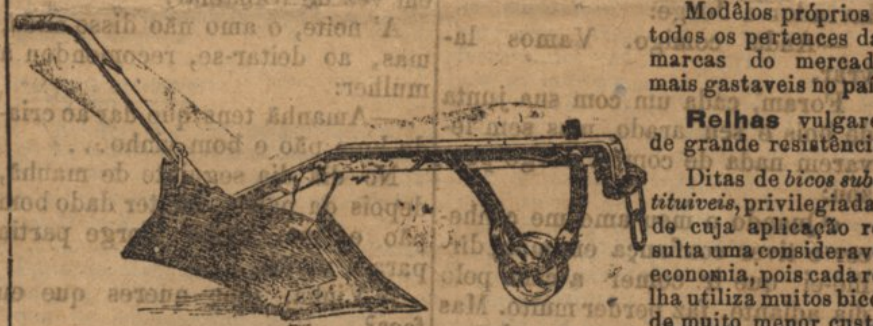
Dégraisseage á spec

CHARRUAS as mais perfeitas

FABRICAÇÃO DE

E. DUARTE FERREIRA & FILHOS (Engenheiros)

TRAMAGAL



Modelos próprios e todos os pertences das marcas do mercado, mais gastaveis no país.

Reihas vulgares de grande resistencia. Ditas de bicos substituíveis, privilegiadas, de cuja applicação resulta uma consideravel economia, pois cada rola utiliza muitos bicos de muito menor custo.

NORAS para tirar agua — PRENSAS para vinho. — Instalações completas de LAGARES DE AZEITE

GRANDES OFFINAS E ESCRITORIO junto á estação do Caminho de Ferro do Tramagal

RICOS

REMEDIA DOS

POBRES

Não se esqueçam que ali na

TRAVESSA DE S. DOMINGOS, 26 E 28

está em liquidação um completo sortido de calçado para homens, senhores e creanças.